

**Escola de Comunicação, Artes e Tecnologias da Informação**  
Licenciatura: Ciências da Comunicação e da Cultura

Cadeira: Géneros Jornalísticos  
Docente: Dr.<sup>a</sup> Sara Pina

## Reportagem



### Cantar e Pintar os Reis

# “Casal Monteiro” cumpre a tradição

Cantar e Pintar os Reis

## “Casal Monteiro” cumpre a tradição

Dos muitos cantares de reis que ocorrem na parte alta do concelho de Alenquer na noite de 5 para 6 de janeiro, testemunhamos hoje a liturgia da “sociedade do Casal Monteiro”, tida como a mais persistente e a mais rigorosa na tradição, no local onde ela é celebrada com um cunho bem entusiasta por parte da população jovem.

Por Hernâni de Lemos Figueiredo

### Origem

Cantar e Pintar os Reis é uma manifestação etnográfica, do ciclo natalício, que evoca o nascimento de Jesus e a chegada a Belém dos reis magos Belchior, Gaspar e Baltasar, e que esteve quase desaparecida, mas que na actualidade demonstra alguma vitalidade.

As origens desta tradição esvanecem-se na história, podendo remontar à Idade Média ou mesmo à altura da ocupação romana.

A semelhança com as festividades que se efectuavam nessa altura ao deus Janus, que invocava os princípios e os fins, podendo ser associado ao início do novo ano, na mitologia romana.

A pintura dos reis poderá ser sucedânea do ritual do lançamento de cal às portas das casas, como bom augúrio para o ano que se iniciava.

O mau tempo chegou; há muito tempo. Nesta noite de 5 para 6 de janeiro, o frio que se sente é intenso e fino que nos corta até aos ossos; não há indumentária que resista. No serpenteado da estrada íngreme, o zoar acelerado do velhinho carro não nos deixa muito espaço para conversar. Com os faróis, sempre nos máximos, vai-nos mostrando a cada curva uma estrada

que parece não levar a parte alguma. Finalmente, lá longe, umas quantas luzes indicam-nos o Casal Monteiro, a aldeia do concelho de Alenquer onde a tradição do “Cantar e Pintar os Reis” é levada muito a sério.

Casal Monteiro, onde o carrasco, a roselha, os lírios e as orquídeas lhe dão na Primavera uma opulência extraordinária de cores e perfumes, e onde a variedade de árvores fruteiras existente indicia alguma abundância, como a cerejeira, a macieira e a laranjeira, para além da videira, claro está, é um desses lugares privilegiados pela natureza. É um sítio aprazível onde a vegetação, o ar e a situação geográfica, tudo está numa harmonia agradável e cuidada, pois não há ali nada pomposo nem transcendente; mas há uma simetria de sons, de cores, de arrumação em tudo quanto se vê e sente, que não parece senão que a paz, a saúde, o sossego do espírito e a quietude do coração devem coabitar ali. Deve predominar ali um reinado de afectos e generosidades.

Subitamente, fomos surpreendidos por um uivar de lobos que fez vibrar o ar daqueles serros do Cabeço de Meca, e que nos obrigou a estremecer, pela surpresa, apesar de longínquos; pulava-nos o coração.



Foto 1 - Um reiseiro-pintor empenhado na sua liturgia

## Como é a “festa”

Cantar os Reis engloba um conjunto de rituais que sofrem ligeiras alterações de terra para terra. Basicamente consiste em pintar alguns símbolos nas fachadas das casas, em cantar algumas quadras alusivas aos reis magos, em efectuar um peditário no domingo mais próximo à noite de 5 de Janeiro e em mandar rezar uma missa por todos os que já morreram. Estas sociedades reiseiras são de reunião espontânea e não necessitam de ensaio prévio, pois todos eles sabem qual é o seu papel no assegurar da tradição.

Ao sermos assim despertados dos nossos pensamentos, reparámos que estávamos parados, na berma da estrada, ainda a alguma distância do destino previsto. Saímos do carro. Havia um forte odor a terra molhada que os habituais e agradáveis cheiros silvestres não conseguiam disfarçar.

A meio da manhã de hoje esta parte alta do concelho foi palco de um espectáculo há muito ausente destas paragens: a

queda de neve. O manto branco daí provocado proporcionou primeiro surpresa, depois curiosidade, por fim diversão. Agora, à noite, perante um tímido luar gélido, algo intermitente e envergonhado, ainda as terras mantinham umas trémulas e estreitas concavidades cobertas de neve que lhes dava uma alvura luzente de um lago de prata fundida. Habitua­dos, finalmente, os olhos àquela cena, decidimos fazer a pé o restante caminho que nos faltava, aproveitando para, por entre um claro de árvores, pinheiros e eucaliptos, nos deleitarmos com o panorama que se vislumbrava lá longe: perfeitamente iluminada estava a Basílica de Santa Quitéria de Meca, templo construído na época de D. Maria I, sede duma “confraria que se tornou numa das mais ricas do reino”, nas palavras do historiador Guilherme Henriques. Este monumento classificado é “um perfeito modelo e exemplo da arquitectura neo-clássica, com raízes nos trabalhos do convento de Mafra e uma notória aproximação estilística da Basílica da Estrela e da de Santo António da Sé, suas contemporâneas”, diz-nos ainda Henriques. Em frente à porta principal da igreja encontra-se, no meio do largo, um trono circular de pedra, a partir do qual é benzido o gado, durante a festa anual, em Maio.

Àquela hora não se via sombra de gente por perto. Ao aproximarmo-nos ainda mais de Casal Monteiro ouviu-se o latir dos cães, não muito longe.

**Habitualmente este grupo pinta um vaso com flores e dois corações entrelaçados**

Chegados ao local onde era habitual esperarmos pelo grupo reiseiro desta aldeia, o barulho aumentou, tornando-se ensurdecador, ao mesmo tempo que a chuva, que começava a cair, miudinha mas persistente, fazia prever uma noitada difícil para aquela gente.

Respeitámos algum tempo, alguma distância, e os canídeos habituaram-se à nossa presença.



**Foto 2 - Mapa do Concelho de Alenquer, com a localização de Casal Monteiro, a aldeia onde a tradição de Cantar e Pintar os Reis é vivida com intensidade.**

## Saída do anonimato

A saída do anonimato do Cantar os Reis em Alenquer é devida, em grande parte, ao trabalho desenvolvido pelos historiadores locais António Oliveira Melo, António Rodrigues Guapo e padre José Eduardo Martins, sobretudo pela publicação do seu estudo sobre os REIS na década de 60, pela exposição na Feira da Ascensão, em Alenquer, da Associação de Defesa do Património, e pela publicação da colectânea “O Concelho de Alenquer, subsídios para um roteiro de Arte e Etnografia”, principalmente do segundo volume, dos quatro que compõem a colecção, inteiramente dedicado à FESTA (festividades e diversões), à FAINA (mesteres, engenhos e alfaias), e à FALA (falares, saberes e cantares).

Entretanto novo alvoroço por parte dos “melhores amigos do homem”, o que denunciava alguma ocorrência invulgar nas proximidades. Realmente, não muito longe, junto à residência do “Bacalhau”, o grande entusiasta destas noites de reis, bem no interior de um pequeno charco de água que a estreita ruela, embora asfaltada não conseguia esvanecer,

um grupo de homens, vestidos a rigor para enfrentar o inverno, alguns com gorro e cachecol, outros com túnicas, formando uma sombra disforme, qualquer coisa de irreal, de fantástico, com alguma exuberância sacra, podemos dizê-lo, cantava uma melodia que mais parecia uma oração; o frio não era impedimento para que as gargantas aquecessem e cumprissem a tradição de Cantar os Reis. Também é verdade que as garrafas que alguns traziam nas mãos era indício mais do que suficiente de que já tinham afugentado o frio para bem longe.

Joaquim Machado, de 55 anos de idade, um reformado antigo tratador de águas da EPAL, de estatura média e de feições morenas, com um fino bigode e cabelo já grisalho, habitualmente desempenha a lide de apontador. E é a sua voz que se destaca a anteceder cada quadra, a sussurrar em segredo junto à porta daquela residência, totalmente às escuras, para logo de seguida os outros elementos cantarem em coro, num canto enérgico e selvagem que ecoa por aqueles serros como augúrios de nada de bom e de feitiçarias horripilantes. É um instante fantástico que nos obriga a tremelicar, e não só pelo frio penetrante que se faz sentir. Sentimo-nos como magnetizados por estarmos a assistir à figuração de um culto arcaico, de uma expressão popular pura, que chega até nós incólume, vinda dos confins do tempo.

**Se os filhos estiverem em idade casadoira, os corações ficam de fora do vaso**

Acabada a liturgia, as luzes acenderam e a porta abriu-se para deixar a descoberto a anfitriã, D. Maria Helena, uma mulher de cerca de 60 anos, elegante, cabelo acertado, louro, sem exhibições de qualquer tipo de maquilhagem como é timbre desta gente simples do Casal Monteiro, que de semblante sorridente e feliz convidou-nos a entrar. “Vá, venham carregar as baterias pois a noite vai ser longa e o tempo não está para brincadeiras. Daqui até Meca ainda têm muito que caminhar”, disse naquela voz quente, bem timbrada e sincera a contrariar André Gide quando este afirma que “não se pode, ao mesmo tempo, ser sincero e parecê-lo”.



Foto 3 – Dois reiseiros pintores cumprem a tradição em Casal Monteiro

## Peso histórico

CANTAR OS REIS no concelho de Alenquer é uma tradição com um tal peso histórico-cultural que o etnomusicólogo francês Michel Giacometti, radicado em Portugal desde os anos 50, a incluiu no seu “Cancioneiro Popular Português”.

Esta obra, editada em 1981, é o resultado de mais de três décadas de pesquisas e estudos de norte a sul do país, onde Giacometti andou a gravar centenas de cantares e músicas tradicionais, dando origem àquele que é, até hoje, o mais exaustivo levantamento da cultura musical portuguesa.

Chegou a ter alguns dissabores com a PIDE quando, nos anos 60, alguém o denunciou “de que pelas suas terras andava pregando a subversão um francês que recolhia melodias e tradições”

O agradável cheiro a café, assim como o calor acolhedor que se adivinhava do interior daquela casa, eram mais que argumentos convincentes para aceitarmos tal convite. E como a porta estava franqueada a quem quisesse entrar e aquecer o espírito com vinho do Porto ou café, foi fácil deixarmo-nos convencer. Afinal era a residência do próprio “Bacalhau”, que assim queria que a noite começasse bem. Joaquim Jorge, “Bacalhau” desde sempre e nem se recorda como e o porquê de tal alcunha, conta 65 anos, tem estatura média, de cabelo curto e matizado com a cor prateada a reinar, pois os anos não perdoam, é um reformado ex-tratador de águas da EPAL e, normalmente, desempenha as tarefas de pintor.

Novamente na rua, reparamos que aquela casa já estava “pintada”, logo aquele era o segundo grupo da sociedade de reiseiros do Casal Monteiro. Com o olhar percorremos a viela, estreita e envolta por um denso breu, e descobrimos o esplendor de dois petromaxes, que deixava ver um outro grupo, mais pequeno. Silenciosos, porque assim tem que ser em noite de reis, e um tanto vacilantes pela emoção de estarmos a participar em tal liturgia, aproximámo-nos e verificamos que era o primeiro grupo da sociedade, o dos reiseiros-pintores, que deixava os desejos de BONS REIS noutra residência. Era uma casa branca, térrea e ao correr da rua, de construção sólida e bem caiada. Entrava-se para ela por uma pequena área coberta de ramada e fechada por uma meia cancela de castanho enegrecido. Dentro deste pátio pouco local havia desocupado.

Habitualmente este grupo pinta um vaso com flores e dois corações entrelaçados. Quando a família tem filhos, pinta um vaso e um coração por cada filho; se estes estiverem em idade casadoira, os corações ficam de fora do vaso; se os filhos ainda não chegaram a esta idade os corações são colocados dentro do vaso. Quando o casal não tem filhos pinta dois corações entrelaçados. Junto a estes signos também pinta “BONS REIS”, na linha de baixo, “V R”, que significa VIVA A REPÚBLICA, mensagem usada só a partir de 1910, e por fim, na última linha, “2010”, no caso deste ano. Normalmente usa a cor vermelha, excepto quando houver luto naquela casa e então é o azul a cor escolhida.

**Se os filhos ainda não chegaram a esta idade os corações são colocados dentro do vaso**



Foto 4 – Um reiseiro-pintor indeciso antes de começar a pintar. São visíveis as pinturas dos anos anteriores.

## Cantiga

Guiados por uma estrela  
Três reis partem por mar fora  
Visitar o Deus nascido  
Está no céu e a terra adora.

Embarcaram na nau  
Sem perder tempo, nem hora  
Quando chegaram a Belém  
De admirados saíram fora

Boas festas vimos dar  
Nas vindas dos santos reis  
Também temos o cuidado  
De aceitar o que nos deis.  
PARA AS ALMAS.

E as dúvidas surgem quando menos se esperam. Neste vai-vém frenético entre “pintores” e “cantadores”, por entre os odores a café e bagaço, abeiramo-nos de uma casa térrea, envolta em sombras, onde os “cantadores” conferenciavam; já o grupo dos reiseiros-pintores estava a festejar noutra residência, uma habitação antiga,



Foto 5 - Grupo de reiseiros a cantar junto à porta de uma residência

mas não arruinada, com certo ar de conforto rústico, e castigada na tonalidade pelo tempo e pelas tormentas do sul a que estava exposta. A janela era baixa e larga; aparecia mais ataviada mas também parecia ser mais antiga que o resto do edifício.

“Cantamos ou não cantamos?” Exclamou alguém ao ver na parede os dois corações entrelaçados, pintados a azul. Perante a nossa dúvida por aquela hesitação, que com apreensão lá conseguimos manifestar, esclareceram-nos que aquela casa estava de luto, pois a proprietária tinha enviuvado há cerca de um ano. Esta tradição é uma festa e mexe com os sentimentos das pessoas; se algumas ficam muito ofendidas se a sua casa não for contemplada com a visita da sociedade de reiseiros, o mesmo acontece quando não se respeita o luto nessa casa. “Isto é uma encrenca, pois somos presos por ter cão e também por não ter cão”. Depois de mais alguns momentos de conferência, optaram por correr o risco de cantar, pois o nefasto desenlace já tinha ocorrido há mais de um ano. No entanto, finda a liturgia nem as luzes se acenderam nem a porta da casa se abriu. Nesta altura já a chuva miudinha que caía dificultava a aderência das tintas às paredes.

O lugar do Casal Monteiro foi, todo ele, visitado pela sociedade reiseira, e foi notório o empenho que os “pintores” dedicaram quando se confrontavam com as suas próprias residências; era mais um retoque aqui e era

**Às siglas B. F., após a implantação da República os pintores acrescentaram V. R. por não quererem passar por monárquicos**

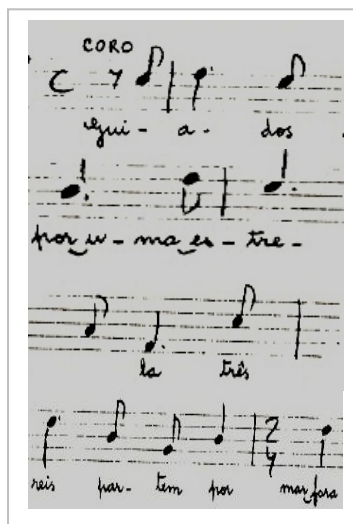
mais um limpar ali devido à fraca aderência da tinta: aquelas pinturas não se poderiam confundir com as demais, tinham que ficar “obras de arte”. A meio da descida, na Rua do Vale, foi cumprimentada a residência do José Manuel, um pedreiro de 64 anos, também ele cantor integrante deste grupo.

Cumprimentado o lugar, foi a vez da sociedade descer até Vale Figueira, onde, habitualmente, tem “gente” à sua espera. Depois da visita à residência de Orlando Correia, onde é sempre bem recebida, este ano um novo acolhimento a aguardava:

## Melodia



## Pormenor



mesmo no fim da via, a última residência do lado direito estava engalanada à espera da visita. Lá dentro, António Goucha Soares e Manuela Nogueira, um casal septuagenário, ambos já aposentados mas que ainda deixam raiar as suas findas actividades profissionais, ele como advogado, ela como professora de línguas, com grande apetência para o italiano, deixaram propositadamente um jantar familiar de reis, em Lisboa, para participarem nesta liturgia local.



Foto 6 - Recepção aos reiseiros na casa do casal Goucha Soares

Dali abalaram os reiseiros até Meca, a sede da freguesia, onde termina a liturgia, sempre com o mesmo entusiasmo, espalhando os desejos de bons reis e recebendo como recompensa unicamente a certeza de que a tradição estava a cumprir-se; apesar da chuva, do frio e das quatro horas da manhã.

## Visita à casa do casal Goucha Soares

A casa é majestosa como não tínhamos visto outra até ali. Construída num terreno em declive numa pequena urbanização em zona calma, Vale Figueira, a meia dúzia de quilómetros da sede do concelho, Alenquer, faz parte dum conjunto murado por onde se ingressa através de um forte portão de ferro, que quando fechado, nada deixa passar através dele. É composto por um logradouro totalmente coberto com calçada à portuguesa, uma casa habitacional, um outro pequeno edifício, logo contíguo, utilizado como biblioteca, e também pela garagem, embora os carros habitualmente fiquem fora dela, onde há espaço para dez ou mais. No logradouro está a entrada nobre da residência. Por ela chega-se aos quartos, que estão ao mesmo nível daquele pequeno rossio, e para onde espreitam várias janelas com vidros duplos e estores de madeira, uma por quarto. Diante das portas dos quartos há um varandim, com protecção em madeira, que dá para a sala comum, num piso inferior, por onde se chega através dumas largas escadas, também a partir da entrada principal. Esta sala, equipada com uma bonita e acolhedora lareira, tem duas largas portas de correr que franqueiam o terraço e uma zona apreciável arrelvada, onde estão o barbecue e algumas mesas e cadeiras, e de onde se desfruta uma tranquilizante vista para os vinhedos mesmo ali à frente, e de onde se sonha com a Serra de Montejunto, lá mais distante.

Luís Franco, com os seus 47 anos, cara redonda, rosada e com um farto bigode, tinha uma constituição física bem anafada que a sua baixa estatura realçava de um modo enfático. Era um artista na “calçada à portuguesa”

## Como começa a noite

Esta sociedade reiseira é de reunião espontânea. Na noite de 5 para 6 de Janeiro reúnem-se na garagem do Eduardo Franco, no centro de Casal Monteiro. Enquanto uns preparam as tintas, oca, um óxido de ferro para dar a cor vermelha, perto da tonalidade do tijolo, e um óleo derivado da anilina, para dar a cor azul, outros estabelecem quem vão ser os cantores, os pintores e o apontador. É uma decisão pacífica que não necessita de ensaio prévio, pois todos sabem qual é o seu papel no assegurar da tradição.

com o calcário envidrado, uma pedra miúda de passeio oriunda das pedreiras de Atougua das Cabras, mesmo ali ao lado. Foi ele o pintor responsabilizado pelo cumprimento àquela casa. “Façam uma pintura pequena, bonita. Não se esqueçam do pedido da dona da casa”, lembrou uma voz saída do grupo onde estava o Rui, um jovem de 22 anos, recém-licenciado em gestão, há pouco tempo aderente a esta sociedade de “reses”.

Enquanto os “reiseiros-pintores” aprontavam o seu trabalho, na entrada, no lado esquerdo do portão, mesmo por baixo do letreiro “QUINTA DE VALE DE FIGUEIRA”, caprichando na harmonia da pintura pedida, os “cantadores”, junto à porta da residência, desejavam “bons reis” a cantar o “aceitar o que nos deis”. Desta vez, o apontador designado foi um pedreiro, de 50 anos, chamado Joaquim Carvalho.

Por fim, as luzes acenderam, a porta abriu e todos entraram. E logo os cheiros se misturaram: Os da casa eram o forte odor a café, a chá e a caramelo das iguarias expostas, e ainda o da suave presença duma fragrância de rosas. O do visitante era o intenso odor a transpiração, fruto de algumas horas de correria e despreocupação.

Duas mesas fartas de tudo a que ninguém se fez rogado, passados os momentos iniciais de alguma timidez. Enquanto o anfitrião, António Goucha se mostrava atarefado à procura dos melhores vinhos, a esposa, solícita, andava numa faina a oferecer o que entendia como superior para uma noite daquelas. Querem chá? Querem um chazinho, quentinho? Era frequente ouvi-la fazer no vaivém entre os presentes.

Manuela Nogueira bem se esforçou em oferecer uma preciosidade que os portugueses introduziram na Europa, no século XVI, e que remonta a 2.800 a.C., à China e ao Imperador Shen Nung. “O chá simboliza a comunicação educada, a harmonia civilizada e a amizade sincera”, mas os homens da sociedade reiseira, apesar de bastante agradados pela receptividade verificada, e não rejeitando a amizade que aquela dádiva queria simbolizar, não estavam para aí virados. Não nos parece que alguém tenha aceitado tal oferta, não obstante a constância da anfitriã. Perante a missão que tinham pela frente e o tempo que lá fora os esperava, foram mais sensíveis às delícias da garrafeira de António Goucha Soares, e mais fiéis a Baco, filho de Júpiter e Semele, Deus do vinho, “com as suas influências benéficas e sociais, promotor da civilização, legislador e amante da paz”.

E em paz seguiram no seu mister, depois de recíprocos agradecimentos e das partes se mostrarem sensibilizadas por aqueles trinta minutos de confraternização e de mútuo conhecimento. No ar ficou a certeza de que para o ano a visita seria para repetir. ●